

# florete

por João Garcia

## "O Planeta dos Macacos" Algumas perguntas ao MNE sobre o "caso Pintassilgo"

Escrevia Ramalho Ortigão, em finais do século passado, o seguinte:

"... a missão do jornalismo português não é ter ideias suas, é transmitir as ideias dos outros. Por tal razão em Lisboa o homem que pensa não é nunca o homem que escreve. O jornalista nunca se concentra, nunca se recolhe com o seu problema para o meditar, para o estudar, para o resolver. Nunca procura a verdade. Procura apenas a solução achada pelo público, pelo público dele, pelo seu partido político, pelos consócios do seu clube, pelos seus amigos, pelos seus protectores pelos seus assinantes. Portanto, trabalha na rua, debaixo da arcada do Terreiro do Paço, nos corredores ou nas tribunas de S. Bento, no Chiado, no Martinho, no Grémio. Como trabalha? Trabalha deste modo: informando-se; é o termo técnico. Uma vez informado, o jornalista considera-se instruído. Desde que tem a informação recebida, tem o jornal feito. O que ele vos escreve hoje — notai-o bem — é o que vós lhes dissetes ontem. O jornal não é uma fonte crítica, de análise, de investigação. O jornal é o barril de transporte das ideias em circulação, das solu-

ções previamente recebidas e aprovadas pelo consenso público. O jornalista é o aguadeiro submisso e fiel da opinião. Não a dirige, não a corrige, não a modifica, não a tempera. O único serviço que lhe faz é este: transporta-a dos centros públicos aos domicílios particulares. O público é a nascente, é o veio, é o manancial; a imprensa periódica é simplesmente — o cano.

Essa é a lei geral da conduta da publicidade em Portugal. Toda a transgressão dessa lei é um iminente perigo para o que a comete..."

E acrescentava:

"Não se lhes dá, aos leitores portugueses, de verem a verdade, mas querem a verdade através da opinião. Ninguém pensa fora das matérias da ordem do dia. "Que há de novo?" é a nossa pergunta todas as manhãs. Esta frase profundamente característica quer dizer: "Dêem-me a senha e a contra-senha; digam-me em que pensam para eu saber o que hei-de pensar". O meu jornal vem bom ou vem mau segundo é ou não é em cada dia a expressão das minhas convicções baseadas em ideias preconcebidas na convivência do público. O critério é substituído pelo mot d'ordre..."

"Lemos alguns dos artigos que nos foram consagrados, e achamo-nos inteiramente edificados acerca do nosso desacato às instituições públicas, e da nossa irreverência com as glórias nacionais.

Somente, meus senhores, uma coisa nos parece ter-vos esquecido, e é: demonstrar-nos que a reverência das instituições e o respeito das celebridades gloriosas seja um instrumento de crítica ou um meio de análise. Porque nós — talvez o não tenhais compreendido bem, — nós não somos propriamente os mestres de cerimónias da geração a que pertencemos. Não estamos aqui a leccionar medidas, nem a praticar experiências sobre a variedade das curvas mais ou menos inclinadas a que se nos presta o espinhaço. Nós somos apenas uns simples cronistas do tempo que vamos atravessando. Somos os contribuintes especiais do mês para a história geral do século. Ora não será pondo-nos humildemente de cócoras no chão que nós veremos de mais alto as coisas e os homens. No exame e na apreciação dos factos o mínimo vislumbre do respeito é um perigo da verdade..."

Com base nesta lição notável do grande prosador decidi iniciar esta semana, cometendo o "atrevimento" de formular uma série de perguntas, não à SEC como seria de esperar, mas ao Ministério dos Negócios Estrangeiros, indirectamente envolvido nesta "guerra à macacada", dada a circunstância de um dos seus elementos — a eng.a Pintassilgo da Delegação Portuguesa na UNESCO — apurou-se em burlado, e muito, nos esquemas da subversão cultural e da propaganda comunista à custa alheia.

E começo:

1) — Como até agora não se registou qualquer reacção do MNE às acusações por mim formuladas contra a eng.a Pintassilgo, será que esse Ministério deseja silenciar ou sofre pressões para silenciar um acontecimento cujas graves implicações políticas interessam a todos quantos estão dispostos a impedir a marxização do País?

2) — Beneficiará a delegação na UNESCO, dentro do próprio MNE, da convivência de certos funcionários? Quem serão eles?

3) — Será que o MNE, habituado já a ser ultrapassado pela eng.a Pintassilgo, estará disposto a colaborar novamente com ela? Caso o faça, como julga o MNE que a opinião pública reagirá e como pensa, posteriormente, restaurar o prestígio desse departamento do Estado?

4) — Dever-se-á o silêncio do MNE a uma total carência de elementos que lhe permitam julgar da subvenção da Frente Unitária de Trabalhadores pela UNESCO? Neste caso, porque não solicitou já que à Direcção-Geral dos Negócios Políticos fossem enviadas cópias das cartas da Base-FUT de 16 de Agosto de 77 e de 25 de Outubro de 78 e também dos ofícios No. 58 de 23 de Março de 76 e No. 274 de 27 de Junho de 77 da representação diplomática em questão?

5) Necessitará o MNE que um órgão da Comunicação Social lhe faculte os necessários elementos?

E por último:

6) — Pretende o MNE que se transcreva na íntegra toda a documentação que possuímos e que compromete inofismavelmente a eng.a Pintassilgo?

Aguardamos, os leitores e eu, uma resposta clara desse Ministério que, sem lisonja, considero ter ultrapassado a sua fase crítica e ter começado, finalmente, a servir o País.

PS — Recebemos, entretanto, uma simpática e esclarecedora carta da Livraria Camões. É com prazer que volto a escrever que a livraria nada tem a ver com o roubo dos livros sobre Damião de Góis e, inclusive, tem contribuído para minimizar a injustiça feita ao autor pela SEC.

Fundação Cuidado